

VOCÁBULOS TRIVIAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA ORALIDADE AO DICIONÁRIO

Maria Cristina PARREIRA⁷
Rosimar de Fátima SCHINELO⁸

RESUMO

O dicionário de “vocábulo trivial” (VT) do português brasileiro é um projeto em desenvolvimento no âmbito do GAMPLE (GP-CNPq), que objetiva estudar os discursos engendrados no léxico e seu percurso histórico até a constituição atual, criando uma abordagem léxico-discursiva. Esse é um fator relevante para o reconhecimento de grande parte de vocábulos como “aperreado”, “atarantado”, “baita”, “boléu”, “cafundó”, “chuchar”, “danura”, “estropício”, “fiúza”, “inhaca”, “piti”, “ralé”, “tabefe” etc., muitas vezes marginalizados na escrita culta-formal, mas recorrentes na oralidade e na informalidade. Esses VT merecem destaque em um dicionário que contemple questões histórico-sociais da Língua Portuguesa do/no Brasil e podem ter origem clássica, indígena e africana como também estrangeira, além de outros tipos de criações vernáculas; geralmente são usados por todas as classes socioeconômicas, mais reconhecidos como variantes diafásicas que diastráticas ou diatópicas. Evidencia-se necessário um estudo histórico-discursivo visando a reconstituir a formação desses VT e sua representatividade enquanto caráter do povo brasileiro para reunir em uma obra esse rico material que leva ao autoconhecimento de nossa cultura e das diferentes ideologias. O resultado do projeto, o futuro *Dicionário de Vocábulos Triviais do Português Brasileiro* poderá congrega o português de uso e o português normativo, para que seja possível apresentar à escola um material de pesquisa e de aplicação, levando ao público um conhecimento sobre as diferentes identidades da Língua Portuguesa e seus múltiplos processos de construção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Vocábulos triviais (VT); Português Brasileiro (PB); estudo histórico-discursivo; léxico e ideologia; dicionário e ensino.

⁷ UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Endereço: CEP 15054-000, Rua Cristóvão Colombo, 2265, São José do Rio Preto, SP – Brasil. E-mail: cristinaparreira@sjrp.unesp.br. Apoio: FAPESP e FAPERP.

⁸ FATEC – Faculdade de Tecnologia de Catanduva-SP. Endereço: CEP 15800-020, Rua Maranhão, 898, Catanduva-SP – Brasil. E-mail: rosimar@fateccatanduva.edu.br. Apoio: FAPERP.

Contextualizando a Pesquisa

Pensar o português brasileiro (PB) significa enveredar-se por múltiplos caminhos não só pelo processo histórico de sua formação, mas também pela dimensão geográfica gigantesca de suas fronteiras. Conforme afirma Dietrich e Noll (2015:7), no prefácio do Livro *O português e o Tupi no Brasil*: "O Brasil é um país de muitas cores. A formação de seu povo como o de sua língua, variante da portuguesa, no solo americano, está estreitamente ligada à população autóctone, sobretudo nos primeiros séculos da colonização." O encontro da Língua Portuguesa (LP) com as línguas indígenas, no início da colonização do Brasil, foi o primeiro marco linguístico da constituição de um PB. Outro momento histórico e de inferência linguística foi a chegada dos africanos que trouxeram consigo uma língua plena de significantes e significados e contribuíram para a formação dessa nova/velha língua. Além dessas etapas marcantes, evocamos aqui, também, os aportes linguísticos trazidos pela vinda de imigrantes de várias outras nacionalidades, no período pós-colonial, bem como as migrações internas desses falantes nos espaços geográficos.

Neste projeto voltamos nosso olhar para o léxico, uma parte da língua que vem recebendo mais atenção há algumas décadas, mas que ainda é pouco estudada sob a perspectiva das diferentes teorias linguísticas. Nesse viés de análise, que congrega áreas de estudos de diversos domínios, insere-se o grupo de pesquisa que lideramos: GAMPLE⁹ – "Grupo Acadêmico Multidisciplinar – Pesquisa Linguística e ensino". Especificamente neste projeto buscamos integrar duas áreas de pesquisa, a da Lexicologia e Lexicografia e a da Análise do Discurso, a fim de obter resultados que possam trazer informações, se não completamente inovadoras, suficientemente significativas sobre o *corpus* que vamos analisar: unidades lexicais frequentes no PB, de marcação predominantemente diafásica (linguagem informal), numa perspectiva sincrônica (séculos XX e XXI, ou seja de 1901 até os dias atuais), de registro oral ou em linguagem escrita de base oral.¹⁰

⁹ <http://www.ibilce.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/gample/>

¹⁰ Consideramos linguagem oral de base escrita os textos informais, com marcas de oralidade, que circulam em espaços de comunicação virtual, notadamente a WEB.

Nosso propósito é elaborar um dicionário especial, inspirado na obra de Cellard e Rey (1991), o *Dictionnaire du français non conventionnel*,¹¹ em cuja introdução, os autores explicam que o título da obra não se trata de uma artimanha para enganar o leitor, mas da constatação de uma categoria de frases e/ou vocábulos que seriam excluídos do uso, marginalizados ou desvalorizados, mesmo se utilizados por pessoas com um alto grau de conhecimento da língua, denotando que poderiam representar um traço da evolução linguística.

Algumas pesquisas exploratórias e documentais já vêm sendo realizadas, partindo dos grandes dicionários mais usados no Brasil, o Ferreira (2004¹²) e o Houaiss e Villar (2009), sendo que Mattos e Parreira (2012) levantaram mais de 500 vocábulos com marcas de uso diatópicas, diaevalutivas ou diafásicas e diastráticas. Verificamos então que há duas maneiras de um dicionário apresentar os vocábulos não convencionais (doravante, VNC), ou triviais (VT): 1) nos dicionários gerais, com marcas de uso apontando a que perspectiva pertence ou podem ser usados; 2) nos dicionários parciais, ou especiais, em que apenas uma parcela do léxico é registrada, ou seja, somente as unidades lexicais sob uma ou mais perspectivas. Nos dois tipos de dicionários o lexicógrafo pode ou não ter uma visão descritiva (somente indicar o uso) ou prescritiva (emitir juízo de valor, dizendo o que deve ou não ser usado).

Ressaltamos que há, dentro da classificação das obras lexicográficas, critérios que concorrem para definir a organização de cada dicionário e, desse modo, seu conteúdo. Inicialmente seguimos um critério que consideramos o mais relevante aqui: trata-se da “seleção do léxico” (Parreira da Silva, 2007:285). Um dicionário pode conter seja o vocabulário geral de uma língua seja um vocabulário parcial, que, devido às características que o identificam denominamos de léxico especial, a saber, uma parcela do léxico reunida sob características específicas. Esse léxico pode ser reunido sob várias perspectivas como, por exemplo, sob os níveis e registros de língua, para citar os mais conhecidos: a) diatópico - com relação ao léxico dos regionalismos; b) diastrático - de grupos sociais distintos; c) diafásico - de diferentes níveis de língua.

11 Em uma tradução livre: Dicionário do Francês não convencional.

12 Indicamos aqui as obras utilizadas no trabalho anterior, em novos estudos incluiremos as versões mais recentes dos dicionários consultados.

No Brasil, há ainda poucos estudos que revelam a importância de se contemplar o uso da língua oral em uma obra lexicográfica. O lugar da pesquisa é bastante marcado pelo registro escrito. Mesmo quando se constitui um *corpus* oral, ele passa pelo processo de transcrição para ser estudado (Cf. Berber Sardinha, 2003:196). Essa situação nos leva a alguns apontamentos sobre a metodologia de coleta e análise de *corpora* orais: é possível trabalhar com questões discursivas em textos orais tendo que transcrevê-los dentro das normas da escrita? Não estaríamos assumindo a autoria do sujeito-falante no momento em que transcrevíamos seus textos? Como marcar na escrita aspectos característicos da oralidade como a percepção das informações extralinguísticas e pragmáticas?

Mesmo tendo a linguística assumido seu olhar teórico para a oralidade, a partir da década de 70 no Brasil, a maioria dos *corpora* existentes constitui-se de textos escritos. Pensando na LP e no seu acontecer cotidiano, pode-se afirmar que a construção de *corpus* a partir de textos escritos segue em caminho inverso ao uso dos falantes (Schinelo, 2005). Podemos citar aqui, como exemplo de iniciativa de pesquisa a partir de *corpus* oral o projeto NURC (Norma Urbana Culta), com gravações de fala de cinco capitais do país¹³. A fala de Teixeira (2006), apenas antevê o que o progresso tecnológico causou, ao afirmar que a oralidade passou a ser objeto de estudo científico com o advento do gravador de voz¹⁴ e isso é muito mais evidente hoje com a Internet que dá voz ao falante na sua linguagem mais cotidiana.

Ainda nesse contexto, certamente há grupos de pesquisa que reúnem *corpora* locais, como por exemplo de Schinelo (2003, noroeste paulista) e o de Raso e Mello (UFMG-CNPq, <http://www.c-oral-brasil.org/>); mas, em termos de Brasil, não há um *corpus* oral extenso o suficiente para abarcar toda a riqueza lexical do PB. Seguramente os recursos da informática possibilitarão criar, com mais facilidade, *corpora* orais de grande extensão, mesmo porque, por enquanto é uma tarefa extremamente complexa a transcrição e armazenamento desses *corpora*. Embora já existam esforços nessa direção, como é o caso do projeto citado de Raso e Mello

13 Cujo histórico pode ser lido em <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>

14 http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html

(2012) e o *Corpus Brasileiro*, parcialmente oral, coordenado por Berber Sardinha, disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br>, ainda há muito a se fazer.

Estudos teóricos sobre língua e linguagem possibilitam afirmar que entre os níveis linguísticos, o lexical é ainda um universo dos mais complexos para se analisar, devido a seus “limites imprecisos e indefinidos” (Biderman, 2001:179), como também por seu caráter dinâmico e variável. Esses aspectos levam a encontrarmos dificuldade para validar as análises das pesquisas, dado que grande parte dos resultados é parcial e vista sob um olhar específico que poderá ser refutado ou enriquecido por outras pesquisas que considerem outros métodos e fundamentos, assim, nenhuma resposta é verdadeira ou definitiva.

O dicionário que propomos coloca-se como uma obra que permitirá ao falante uma melhor compreensão desses vocábulos na língua, seja para o uso cotidiano ou para um estudo mais aprofundado. Realçando esse discurso sobre o léxico e buscando explicações para seu uso, o DVT do PB pode auxiliar também no ensino de LP, que por uma tradição normativa, tende não raramente a impedir o uso de certos vocábulos como se eles não fizessem parte do acervo vocabular da língua.

Nesse contexto, ao observarmos que o falante usa determinadas unidades lexicais e relata dificuldade em encontrá-las no dicionário, percebemos que poderíamos contribuir elaborando uma obra descritiva, sincrônica, de uma seleção lexical de uso diafásico que auxiliaria também para a função prescritiva, uma vez que proporcionaria o acesso ao conhecimento mais aprofundado não só do significado, da história e uso dessas unidades, mas também das razões que as levaram a serem marginalizadas e/ou terem formas diferentes na escrita e na oralidade.

Se por um lado, de tanta intimidade com esses vocábulos, não parece necessário consultar seu significado em um dicionário, por outro, muitos aspectos interessantes sobre essas unidades são obscuros. É nesse ponto que acreditamos que é importante a realização de uma obra que possibilite e facilite a consulta dessas unidades mais coloquiais, tanto para incluir o léxico desse falante no universo da LP quanto para auxiliá-lo na compreensão de sua ortografia, de seus sentidos e de seu percurso histórico-discursivo.

Uma abordagem léxico-discursiva

Muitos falantes, por purismo ou por necessidade de marcarem-se como pertencentes a um grupo de elite, não se assumem enquanto usuários das trivialidades da língua. Nesse sentido, investigar VT é realizar pesquisa linguística, considerando, ao mesmo tempo, registros lexicográficos e o acontecer da língua, é o diacrônico explicando o sincrônico, numa sucessão de sincronias constituindo a diacronia.

Os estudos sobre a língua, propriamente a Análise do Discurso (AD), têm considerado questões como heterogeneidade discursiva, formação ideológica e formação discursiva, estabelece-se um percurso de análise que deve considerar a inserção do contexto histórico e cultural no contexto linguístico. Na observação de Pechêux (1990) o discurso não é somente uma transmissão de informações, mas um efeito de sentidos entre locutores. Trabalhar a discursividade no léxico é deparar-se com diferentes formações ideológicas e discursivas constituídas em distintos momentos da história cronológica do vocábulo e ao mesmo tempo entender em que contexto esse vocábulo se instala na situação atual de uso na/da língua. Nesse sentido, tratar de discursividade lexical é considerar aspectos diacrônicos constitutivos de sentidos sob um olhar sincrônico.

A teoria da enunciação coloca uma nova condição para o estudo dos textos e Bakhtin (2008) propõe que um “eu” (autor) dialogue com um “tu” (leitor) nos meandros de um contexto. Esse viés teórico abarca os estudos sobre o léxico e, a partir de então, léxico, cultura e discurso podem ser estudados intrinsecamente na Linguística. O sentido do léxico se constitui e vai se resignificando à medida que se depara com o outro, seja esse outro o tempo, o espaço ou os diferentes contextos, ou seja, conforme aponta o autor,

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (esse se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados nunca serão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. (Bakhtin, 1992:414).

A relação entre léxico e discurso tem sido tratada em diferentes perspectivas, por vários autores. O termo “lexicografia discursiva”, por exemplo, já havia sido abordado por Orlandi, como se pode ratificar quando a linguista afirma que:

“A lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Desse modo, na escuta própria à análise do discurso, podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua.” (Orlandi, 2000:97).

Essa afirmação valida nossa pesquisa de modo que, pela relevância metodológica que se tem na elaboração de um dicionário, propõe-se, então, uma organização dos vocábulos do PB com discursos evidenciados em determinadas épocas e culturas. Aspectos dessa natureza podem ser encontrados nos dicionários etimológicos que subsidiarão, ancorados em teorias discursivas, um estudo que considere os diferentes níveis de análise linguística desembocando no discursivo.

O percurso léxico-discursivo difere de outras propostas de análise por distinguir-se do “puramente linguístico” e considerar aspectos sociais, históricos e culturais como elementos intrínsecos à semântica lexical. Conforme Parreira e Schinelo:

Podemos afirmar, então, que um olhar discursivo sobre o léxico nos permite: a) perceber que a relação entre linguagem e cultura não se dissocia; b) acompanhar o léxico como acontecimento de linguagem, ou seja, seu sentido se faz no presente a partir de um passado e já possibilitando significados futuros; c) questionar como o desenvolvimento tecnológico interfere na relação homem, cultura e linguagem. (Parreira e Schinelo, 2014:193)

A proposta de organização desses vocábulos em categorias discursivas considerando a não estaticidade dos sentidos apreendidos no léxico de uma língua constitui-se em grande desafio teórico deste projeto. A ideia inicial, passível de reflexões e conseqüentemente alterações, será descrita a seguir:

Categorias discursivas (CAD) dos vocábulos não convencionais:

2. CAD rural/ urbano – vocábulos de origem campestre e/ou

relacionados às atividades desenvolvidas pelo homem do campo e sua transposição para o espaço urbano, como *campear*, *matutar*, *geringonça*;

CAD tecnológica – vocábulos que tiveram sua origem com as inovações da mecânica e da tecnologia, em uma determinada época, e que sua evolução propiciou o surgimento de novos vocábulos, como *destrambelhado*, *desengonçado*;

CAD moda/comportamento – vocábulos, normalmente originários em outra CAD, mas que são transpostos para a etiqueta do comportamento social, como *inhaca*, *desengonçado*, *sirigaita*;

CAD mítico/religiosa – vocábulos constituídos pelo comportamento de grupos sociais que desenvolvem rituais de cura e/ou espiritual ou rezas relacionadas às crendices ou religiões, como *zoró*, *atarantado*;

CAD cotidiano – vocábulos usados no universo dos fazeres e dizeres do diaadia como *badulaque*, *gambiarra*, *marafunda*;

CAD lúdica - vocábulos de formação onomapaica ou considerados expressivos, como *blá-blá-blá*, *cri-cri*, *borogodó*.

A classificação inicial será realizada em grandes categorias e no decorrer do trabalho faremos uma classificação mais detalhada à medida que os estudos permitirem traçar o percurso de sentidos de cada VNC e identificar a comunidade linguística da qual eles fizeram/fazem parte. Já é possível observar que haverá unidades que necessitarão de classificações especiais, específicas e/ou híbridas – neste caso estabeleceremos classe que as contemple – como por exemplo uma CAD hierárquico-institucional.

Os vocábulos que não estão registrados em dicionários, mas que têm uso corrente no PB, serão analisados sob o viés teórico da morfossintaxe, no que se refere a sua

formação etambém sob os aspectos sociais e discursivos quanto ao uso e à construção de sentidos. Trazemos, como exemplo, o percurso dos vocábulos “aperreado” e “atarantado”, sob o ponto de vista histórico-discursivo, a que denominamos na microestrutura de *percurso léxico-discursivo* (PLD):

APERREADO

Adjetivo **1.** tratado como um perro ('cão') ou perseguido por perros. **2.** Derivação: sentido figurado - sem liberdade; oprimido, preso. **3.** sujeito a, subordinado a (alguém ou alguma coisa). Ex.: aperreado às formalidades. **4.** Derivação: sentido figurado - que foi vítima de alguma contrariedade; aborrecido, apoquentado. Ex.: criança aperreada.

PLD ?A formação discursiva e ideológica desse vocábulo é marcada pela relação país colonizador e país colonizado. A origem espanhola do vocábulo e a formação pela ação realizada pelos *perros* remetem a uma relação de poder entre grupos sociais distintos. O sentido migra, mas o discurso subliminar permanece no vocábulo.

ATARANTADO

Adjetivo. aturdido, atrapalhado, estonteado.

PLD □O sentido se constitui a partir de uma ação para eliminar o veneno da tarântula na região da Sardenha, sul da Itália, migra para uma ação lúdica coletiva e acaba chegando ao Brasil, com os imigrantes italianos. Ficar atarantado em nossos dias significa estar zozno, decorrente historicamente do efeito do veneno da tarântula e, além disso, confuso pelo movimento rápido da dança (Tarantela).

A organização do dicionário

As informações resultantes desta pesquisa serão organizadas em um tipo especial de dicionário, ao qual daremos o nome comercial de *Dicionário de Vocábulos Triviais do Português Brasileiro* (DVT do PB), considerando que os vocábulos não convencionais são trivialidades que despertam a curiosidade dos falantes e amantes do PB, dado o sucesso do Dicionário InFormal¹⁵ e, sobretudo, que

15 De caráter colaborativo, trata-se de uma obra em constante elaboração pelos falantes comuns, *online* desde 2006, disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>, sendo que o linguista Marcelo Muniz concebeu e

contribuirá tanto para pesquisadores quanto para professores em sua atuação na docência. Convém reforçar que o dicionário que propomos não coincide com a obra que acabamos de citar, uma vez que faremos a seleção dos vocábulos segundo alguns critérios e que o aspecto discursivo não consta de nenhum dicionário que conhecemos.

Um levantamento de dicionários publicados sobre o PB visualizou, de maneira geral, que existem dicionários históricos, de gírias, terminológicos, de usos, de termos discursivos etc., mas não há obras que relacionem, em um mesmo verbete, informações linguísticas (de vários níveis) e informações discursivas.

Em trabalhos anteriores, Parreira e Schinelo (2013, 2014) iniciaram uma proposta preliminar de classificação dos VNC, na qual consideraram necessária uma distinção da origem dessas unidades e da formação do PB. Pretende-se que o dicionário atinja em torno de mil entradas, organizadas onomasiologicamente e semasiologicamente, ou seja, inicialmente por grupos alocados de acordo com as classificações lexicais e discursivas e depois, dentro de cada classificação em ordem alfabética. O quadro a seguir reúne alguns VNC em suas classificações preliminares, podendo ser alteradas posteriormente após estudos mais aprofundados, sobretudo no que concerne as indicações de africanismos e tupinismos:

Quadro 1: exemplo de VNC de diferentes classes gramaticais e classificação lexical preliminar

CLÁSSICAS – Latim / grego – via vulgar	AFRICANISMOS – várias origens relacionadas aos escravos de origem Africana em solo brasileiro	TUPINISMOS – indígenas do Brasil de família Tupi	ESTRANGEIRISMOS – em várias etapas – pelos povos que vieram para o Brasil ou influenciam a língua portuguesa do Brasil culturalmente: italianos, espanhóis, franceses, árabes, japoneses, alemães etc.	OUTROS fenômenos morfológicos – vocábulos expressivos de criação interna – origem imprecisa ou controversa
<i>acabrunhar</i>	<i>banzé</i>	<i>butuca</i>	<i>aperreado</i>	<i>bafafá</i>
<i>arribar</i>	<i>caçula</i>	<i>coroca</i>	atarantado	<i>borogodó</i>
<i>badulaque</i>	<i>cafundó</i>	<i>cutucar</i>	<i>bugiganga</i>	<i>capenga</i>
<i>bafafá</i>	<i>cafuné</i>	<i>jururu</i>	<i>estropício</i>	<i>gambiarra</i>
<i>chinfrim</i>	<i>cafungar</i>	<i>muquirana</i>	<i>fajuto</i>	<i>mequetrefe</i>
<i>cricri</i>	<i>fofoca</i>	<i>pereba</i>	<i>fricote</i>	<i>pechincha</i>
<i>desengonçado</i>	<i>futum</i>	<i>pindaíba</i>	<i>lorota</i>	<i>piripaque</i>
<i>embromar</i>	<i>inhaca</i>	<i>piroca</i>	<i>piti</i>	<i>supimpa</i>
<i>destrambelhado</i>	<i>marafunda</i>	<i>taioba</i>	<i>sirigaita</i>	<i>trambique</i>

investiu na criação da página. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2007/10/332802-dicionario-faz-sucesso-com-verbetes-de-girias-e-palavros.shtml>.

<i>escarafunchar</i>	<i>títica</i>	<i>zoró</i>	<i>tramóia</i>	<i>trambolho</i>
----------------------	---------------	-------------	----------------	------------------

Essa classificação prévia ainda terá mais subdivisões, como, por exemplo, a separação das línguas-fonte dos estrangeirismos, os tabuísmos e a inclusão de fraseologismos com unidades que não são usadas livre e sincronicamente na língua (“dar na veneta”, “meter o bedelho”, “estar nos trinquês”), conforme analisamos em trabalho apresentado na Europhras, 2014¹⁶ e em artigo aceito para publicação nos anais do evento.

Paradigma do verbete

É importante incluir informações, como a(s) acepção(ões), que antes acreditávamos ser(em) desnecessária(s), dado o conhecimento pressuposto das unidades pelos falantes, além de incluir categorizações não só do grupo a que pertence, mas também do contexto histórico-discursivo, com a finalidade de auxiliar o leitor-consulente a compreender melhor os caminhos percorridos pelo VNC. Desse modo, antes de apresentarmos a microestrutura final do dicionário, pensamos em alimentar um banco de dados com várias informações que poderão ser posteriormente organizadas de acordo com as decisões editoriais que forem tomadas:

<i>Entrada</i>	VARIAÇÃO1	VARIAÇÃO2	VARIAÇÃO3	Classificação Lexical (origem/, etimológica)		Marca(s) de uso
	ACEPÇÃO/1	ACEPÇÃO/2	ACEPÇÃO/N.	ABONAÇÃO/1	ABONAÇÃO/2	ABONAÇÃO/N.
	Classificação histórico-discursiva			Percurso léxico-discursivo		

Figura 1: Modelo de verbete do DTV do PB

De acordo com o modelo, a entrada é o lema do VNC encontrado em dicionários, seguida das variantes orais ou escritas encontradas na Web, em *corpora* orais a que

16 La phraséologie dans le « Dictionnaire des mots non conventionnels du portugais brésilien » M.-C. Parreira, 2014 - <http://www.europhras.org/>.

tivermos acesso e em observações empíricas dos pesquisadores envolvidos. A classificação lexical apontará a origem do VNC, consultando também para isso dicionários históricos e etimológicos.

Quanto às marcas de uso, buscaremos contemplar principalmente os VT com marca diafásica, ou seja, aqueles que denotam o aspecto informal da comunicação espontânea, que sejam de uso abrangente ou geral no território brasileiro e VT que sejam também amplamente usados por locutores independentemente de classe social, nível educacional ou origem, reduzindo, dessa forma, marcas diatópicas de variantes restritas de certos locais e marcas diastráticas relativas às gírias de grupos determinados, evidentemente entendendo como Ettinger (1982) que há sobreposições das classificações, mas acreditando ser possível fornecer especificações, dentro de critérios preestabelecidos. Registraremos as acepções do vocábulo e sempre que houver mais de uma, incluiremos uma abonação (ou exemplo) de cada acepção. Por fim, uma parte inovadora do dicionário será a inclusão de uma classificação histórico-discursiva, bem como a apresentação do percurso léxico-discursivo que o VNC perfaz no PB, com manutenção de seu uso na linguagem oral.

Contribuições do Dicionário dos Vocábulos Triviais do Português Brasileiro

O dicionário proposto neste projeto contribuirá para que o professor considere o ensino de LP como interação de linguagem para que o aluno possa sentir o texto/discurso, ou seja, recuperar sua história de leitor/falante e, a partir dela, entrelaçar novas leituras, alçando sua linguagem do diaadia a uma posição mais confortável. Essa ação interativa acontece somente se o professor tiver conhecimento da variação que existe no universo linguístico de seus alunos e é o pesquisador que lhe dará suporte para isso.

A relevância deste estudo firma-se na importância de se trabalhar a linguagem escrita associada à linguagem oral na pesquisa e no ensino. Um trabalho dessa natureza contribui para que professores-pesquisadores observem os seguintes aspectos: a) as características peculiares da língua oral e escrita manifestadas no léxico; b) o processo de

construção de palavras da LP (variante brasileira) e c) o reconhecimento de que a língua não é estática, mas que é viva e é mutante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aulete, C. 1958. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 4 ed. (Edição brasileira). Rio de Janeiro: Delta, 5 volumes.

Bakhtin, M. 1997. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Biderman, Maria Tereza Camargo. 1984. O dicionário padrão da língua. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28, n. 1, 1984.

Bizzocchi, A. 1997. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume.

Correia, Margarita. 2008. Lexicografia no início do século XXI—novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. *Lexicon—Dicionário de Grego-Português*, Actas de Colóquio. Lisboa: Centro de estudos Clássicos/ FLUL, p. 73-85.

Cunha, A. G. 2010. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro, Lexikon.

Ettinger, S. 1982. La variación lingüística em lexicografía, In: Haensch, G.; Wolf, L.; Ettinger, S.; Werner, R. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p. 359-394.

Ferreira, A. B. de H. 2004[2012]. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Franchi, E. P. 2001. *Pedagogia da Alfabetização*. Da oralidade à escrita. São Paulo: Contexto, 194.

Haensch, G.; Wolf, L.; Ettinger, S.; Werner, R. 1982. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.

Houaiss, A.; Villar, M. S. 2009. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Kilgarriff, Adam; Grefenstette, Gregory. 2001. Web as corpus. In: *Proceedings of Corpus Linguistics 2001*. Corpus Linguistics. Readings in a Widening Discipline, p. 342-344.

Mattos, G. Y.; Parreira da Silva, M. C. 2012. “Pesquisa lexicográfica: levantamento de palavras de origem espanhola, francesa, inglesa e italiana em dicionário de Língua

Portuguesa”. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. [MANUSCRITO]

Nascentes, A. 1955. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Nunes, J. H.; Petter, M. (Org.) 2002. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas /FFLCH/USP: Pontes.

Orlandi, E. 2010. Lexicografia Discursiva. In: *ALFA*, 2010. Acesso em 02-07-2015. <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4201/3797>.

Parreira da Silva, M. C. 2007. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: Isquendo, A. N.; Alves, I. M. (Orgs.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande/MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas.

Parreira, M.C.; Schinelo, R.F. 2014. Entre a fala e a escrita o lugar dos vocábulos “triviais” da língua portuguesa. In: *Léxico e Ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts. Acesso em 02-07-2015. http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Lexico_e_Ensino.pdf

Raso, Tommaso; Mello, Heliana (Ed.) 2012. *C-oral-Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal. I*.

Sardinha, AP Berber. 2012. Que tipo de corpus é a Web?. *Revista Anpoll*, v. 1, n. 15, 2012.

Schinelo, R.F. 2005. *Memória oral: a mítica arte de tecer palavras*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

_____. *Em busca de definições: o culto e o popular*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1996.

Silva, Maria Cristina Parreira da. 2001. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3, p. 283.

Welker, H. A. 2004. *Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília, Thesaurus.